

CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E EVIDÊNCIA DE ATOS E ESTADOS DE VIOLÊNCIA NO CASO DO MEME #HOMENSRISQUE

Lilian Mara Dal Cin PORTO¹

Doutoranda em Língua Portuguesa/PUC-SP

Ana Rosa Ferreira DIAS²

Doutora em Filologia e Língua Portuguesa

Professora da PUC-SP e USP

RESUMO

O presente artigo busca evidenciar como o processo de construção de sentidos dos memes #homensrisque auxilia a compreensão da dimensão dos atos e estados de violência neles nomeados e, conseqüentemente, coloca em discussão a violência sofrida pelas mulheres em nossa sociedade. Para isso, coletamos memes com essa hashtag e analisamos seu processamento textual, baseando-nos nas estratégias mobilizadas para a construção de sentidos em um texto apresentadas por Koch (2010). Compreendendo que o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso de uma interação, inserimos o presente artigo na perspectiva sociocognitiva-interacional. Ainda, para possibilitar a realização da análise, apresentamos a definição de violência e a diferenciação de atos e estados de violência encontradas em Michaud (1989), Rondelli (1998) e Souza (2005). A conceituação de meme, também essencial para o trabalho, é baseada em Shifman (2013) e Miltner (2014).

Palavras-chave: violência; texto; estratégias de construção de sentidos; meme.

Introdução

Este artigo tem por objetivo apresentar a relação entre a construção de sentidos e a evidência de atos e estados de violência através do meme #homensrisque. Para isso, coletamos memes postados nas redes sociais, especialmente no *Twitter*, com essa hashtag e analisamos seu processamento textual. Tal estudo é relevante, não apenas por ampliar o escopo teórico da Linguística Textual a textos que circulam na Internet, como é o caso dos memes, mas também por colocar em foco a temática da violência contra a mulher, assunto bastante discutido atualmente.

Na primeira parte deste artigo, definimos o conceito de texto adotado para este trabalho e discutimos como se dá a construção de sentidos em um texto. Em seguida, apresentamos a definição de atos e estados de violência e apresentamos a diferenciação entre

¹Endereço eletrônico: liliandalcin@gmail.com

²Endereço eletrônico: anarosadias@uol.com.br

ambos. Ainda, tendo em vista que o *corpus* selecionado para esse artigo é bem específico, explicamos o caso do meme #homensrisque antes da análise apresentada ao final do artigo.

Antes de iniciarmos qualquer tipo de aprofundamento teórico ou análise, faz-se necessário compreender o que são memes, uma vez que constituem o corpus de nossa análise.

Para Miltner (2014), a maioria dos memes é parte de uma complexa e interligada rede de textos que estão completamente atrelados ao seu contexto de criação e consumo. Isto significa que os memes surgem de situações concretas e a sua construção de sentidos exige que o leitor compartilhe com o produtor do meme o conhecimento prévio a respeito daquela situação, isto é, de seu contexto de produção. Além disso, a intertextualidade é um elemento chave no meme, já que, na maioria das vezes, ele dialoga e reproduz certos aspectos de outros textos.

Shifman (2013) define memes da Internet como unidades de cultura popular, artefatos simbólicos multimodais, que circulam, são imitados e transformados por usuários da Internet, criando uma experiência cultural compartilhada. Assim, memes podem ser frases, *hashtags* ou, o que é mais comum, uma composição de imagem e texto verbal. Nesse contexto, faz-se importante destacar que eles não são textos isolados, pois só significam em conjunto. Não existe um meme isolado, o que existe é uma coletânea de memes que replica determinado aspecto.

Os memes analisados neste trabalho, por exemplo, replicam a *hashtag* “homens risque” e foram criados por diferentes usuários da Internet. Por isso, podem ser considerados unidades de cultura que dialogam entre si, construindo sentidos.

Texto e construção de sentidos

Para estudar as estratégias de construção de sentidos em um texto, faz-se necessário, primeiramente, entendermos em que perspectiva a Linguística Textual se insere hoje e qual o conceito de texto adotado.

A perspectiva adotada atualmente é a sociocognitiva-interacional, que entende o texto como resultado de uma atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, que coordenam suas ações a fim de alcançar um fim social.

De acordo com Koch (2010), as teorias sociointeracionais

reconhecem a existência de um sujeito planejador/organizador que, em sua interrelação com outros sujeitos, vai construir um texto, sob a influência de uma complexa rede de fatores, entre os quais a especificidade da situação, o jogo de imagens recíprocas, as crenças, convicções, atitudes dos interactantes, os conhecimentos (supostamente) partilhados, as expectativas mútuas e convenções socioculturais. Isso significa que a construção do texto exige a realização de uma série de atividades cognitivo-discursivas que vão dotá-lo de certos elementos, propriedades ou marcas, os quais, em seu inter-relacionamento, serão responsáveis pela produção de sentidos (p.7).

Nessa perspectiva, o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso de uma interação. E o sentido construído é apenas um dos sentidos possíveis e não o único sentido adequado àquele texto.

De acordo com Koch (2010), durante a produção textual, os interlocutores mobilizam diversos sistemas de conhecimento que têm representados na memória, valendo-se de um conjunto de estratégias de processamento cognitivo, interacional e textual (p.31). Por isso, para o processamento textual, contribuem três grandes sistemas de conhecimento: o linguístico, o enciclopédico e o interacional. A fim de embasar a análise que apresentaremos adiante, tais conhecimentos serão explicados resumidamente, a partir de agora, de acordo com as concepções da autora (KOCH, 2010, p.32-34).

Segundo ela, o conhecimento linguístico compreende o conhecimento gramatical e lexical e é responsável pela articulação som-sentido, pela organização do material linguístico na superfície textual, pelo uso dos meios coesivos para efetuar a remissão ou a sequenciação textual e pela seleção lexical adequada.

O conhecimento enciclopédico ou conhecimento de mundo é aquele que se encontra armazenado na memória de cada um. É com base nele, por exemplo, que se produzem as inferências que permitem suprir as lacunas ou incompletudes encontradas na superfície textual.

O conhecimento sociointeracional é o conhecimento sobre as ações verbais, sobre as formas de interação através da linguagem. Fazem parte do conhecimento sociointeracional os conhecimentos do tipo ilocucional, comunicacional, metacomunicativo e superestrutural.

O conhecimento ilocucional permite reconhecer os objetivos ou propósitos que o falante, em dada situação de interação, pretende atingir. O conhecimento comunicativo é aquele que diz respeito, por exemplo, à quantidade de informação necessária em uma situação de comunicação para que o parceiro seja capaz de reconstruir o objetivo do produtor do texto;

à seleção da variante linguística adequada à situação de interação e à adequação dos tipos de texto às situações comunicativas. O conhecimento metacomunicativo permite ao produtor do texto evitar perturbações previsíveis na comunicação ou sanar conflitos eventualmente ocorridos por meio da introdução, no texto, de sinais de reformulação ou apoios textuais. O conhecimento superestrutural é o conhecimento que permite reconhecer textos como exemplares de determinado gênero ou tipo; bem como a conexão entre objetivos, bases proposicionais e estruturas textuais globais.

A cada um desses sistemas de conhecimento corresponde um conhecimento específico para colocá-lo em prática. Este conhecimento funciona como uma espécie de sistema de controle dos demais sistemas, no sentido de adaptá-los ou adequá-los às necessidades dos interlocutores no momento da interação.

Koch (2010) explica que a mobilização *on-line* – isto é, durante a interação – desses sistemas de conhecimento exige estratégias de processamento textual, que podem ser divididas em: cognitivas, textuais e sociointeracionais. Também essas estratégias, a fim de auxiliar em nossa análise, serão, brevemente, explicadas de acordo com a autora.

Segundo Koch (2010), as estratégias cognitivas são as estratégias de uso do conhecimento, que dependem dos objetivos do usuário, da quantidade de conhecimento disponível a partir do texto e do contexto e das crenças, opiniões e atitudes do usuário. Isso torna possível que o interlocutor reconstrua não somente o sentido intencionado pelo produtor do texto, mas também outros sentidos. (p.35) São as estratégias que exigem algum “cálculo mental” dos interlocutores.

As estratégias sociointeracionais “visam a estabelecer, manter e levar a um bom termo a interação verbal”. (KOCH, 2010, p.37) São as estratégias de preservação de faces e/ou representação positiva do *self*, as estratégias de polidez, de negociação, de atribuição de causas aos mal-entendidos, entre outras.

Por último, as estratégias textuais dizem respeito às escolhas textuais que os interlocutores realizam, tendo em vista a produção de determinados sentidos. São as estratégias de organização da informação (dado/novo, articulação tema/rema), as estratégias de formulação (inserção e reformulação), as estratégias de referenciação e as estratégias de balanceamento entre explícito e implícito.

Ainda segundo a autora, relações entre a informação textualmente expressa e conhecimentos prévios e/ou partilhados podem ser estabelecidas por recurso à intertextualidade, à situação comunicativa e a todo o contexto sociocultural.

É nosso objetivo, neste artigo, mostrar como se dá o processo de construção de sentidos dos memes, a fim de evidenciar a violência que eles carregam. Para isso, faz-se necessário, antes de procurar entender como se dá o processamento textual neles, compreender e diferenciar atos e estados de violência.

Atos e estados de violência

Michaud (1989) explica que

(...) encontramos portanto no âmago da noção de violência a ideia de uma força, de uma potência natural cujo exercício contra alguma coisa ou contra alguém torna o caráter violento. À medida que nos aproximamos desse núcleo de significação, cessam os julgamentos de valor para dar lugar à força não qualificada. Tal força, virtude de uma coisa ou ser, é o que é, sem consideração de valor. Ela se torna violência quando passa da medida ou perturba uma ordem (p.8).

Assim, para o autor, a noção de violência carrega a ideia de uma força empregada contra algo ou alguém que perturba a ordem. Por isso, para ele, pode haver tantas formas de violência quanto forem as espécies de normas.

Já para Souza (2005),

o termo violência tem sido usado como referência para uma multiplicidade de ações e de agentes. Violência do Estado, violência da mídia, violência de exclusão social, violência de certos rituais, violência os atos criminosos (...), violência do trabalho infantil, violência na infância, violência contra a mulher, violência nas relações cotidianas, violência dos pequenos gestos, violência presente na constituição do psiquismo (p.27).

Isso faz transparecer a ideia de que a violência está presente em todos os âmbitos. Ao discutir as diferentes noções de violência, Michaud (1989) explica que, na definição de violência feita pelo direito penal, o termo violência aparece associado a atos praticados por alguém. Com isso, ainda segundo o autor, os juristas apresentam violência como “atos através dos quais se exprimem a agressividade e a brutalidade do homem, dirigidas contra seus

semelhantes e causando-lhes lesões ou traumatismos mais ou menos graves”. (p. 9) Ainda, “às agressões propriamente ditas que compreendem apenas as lesões causadas por um contato brutal com um agente exterior acrescentam-se aspectos internos (doenças provocadas, danos físicos) que não exigem violência exercida sobre o próprio corpo da vítima”. (p. 9) Fica claro, portanto, que a definição apresentada pelo direito penal para violência, segundo discute o autor, engloba, além de lesões e traumatismos decorrentes de um contato brutal, também as doenças e danos físicos que não exigem o uso da força sobre o corpo da vítima.

Percebemos, com as definições apresentadas, que o termo violência tem sido usado para se referir muito mais a atos de violência do que a estados de violência. Isso quer dizer que o que se entende por violência, hoje, são atos praticados por alguém ou algum órgão que causem danos a uma vítima.

Fato é que os atos de violência geram estados de violência, isto é, a sensação contínua e permanente de insegurança, que culmina em uma espécie de adaptação à violência. O estado de violência faz com que as pessoas andem sempre atentas nas ruas ou instalem alarmes em suas casas e carros. É a sensação de que se pode sofrer um ato de violência a qualquer momento que gera o estado de violência.

Michaud (1989) buscou uma definição de violência que desse conta tanto dos estados quanto dos atos de violência. Para o autor:

Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais (p.20).

A partir dessa definição de violência, o autor chega a algumas conclusões muito importantes para o campo de estudo. A primeira delas é a de que “a violência não é mais apenas o enfrentamento aberto de dois adversários, mas o efeito de uma empresa anônima na qual todo mundo se subtrai à responsabilidade”. (MICHAUD, 1989, p.11) Ou seja, a violência não está apenas no ato, no embate, mas também no efeito de tal enfrentamento. A segunda conclusão é a de que a violência pode ser produzida de diversas formas, a depender dos instrumentos em causa. A terceira diz respeito à distribuição temporal da violência, que “pode ser ministrada de uma vez (maciça) ou gradualmente, até insensivelmente distribuída”.

(MICHAUD, 1989, p.11) Nessa acepção, aparece a distinção entre estados e atos de violência. No entanto, ainda segundo Michaud (1989), os estados de violência supõem “situações de dominação que abrangem todos os aspectos da vida social e política e se tornam, assim, cada vez menos passíveis de localização”. (MICHAUD, 1989, p.11) A quarta conclusão trata dos danos que podem ser impostos pela violência, que vão de danos físicos e psíquicos a danos aos próximos ou aos laços culturais.

A violência para Michaud (1989) está, portanto, na situação de caos absoluto, na ideia de insegurança. Segundo o autor, o sentimento de insegurança sobre o aumento da violência raramente repousa sobre a experiência direta da violência. “Ele corresponde à crença, fundada ou não, de que tudo pode acontecer, de que devemos esperar tudo, ou ainda de que não podemos mais ter certeza de nada nos comportamentos cotidianos”. (p.13)

Por essa razão, podemos dizer que a imprensa tem participação direta na divulgação de atos de violência e na instituição do estado de violência. Segundo o autor, “a violência, com a carga de ruptura que ela veicula, é por princípio um alimento privilegiado para a mídia, com vantagem para as violências espetaculares, sangrentas ou atrozes sobre as violências comuns, banais e instaladas”. (p.49)

Daí concluímos que é o que a mídia considera violento e exhibe como tal que a população enxergará como um ato de violência. As violências comuns, banais e instaladas não são sensacionais e, por isso, não são tão noticiadas. Elas são aceitas como um mal necessário, como algo que não se pode evitar e assim se institui o estado de violência.

Nessa categoria de violência comum, sem grande derramamento de sangue e, portanto, sem interesse para os jornais, está a violência contra a mulher que, muitas vezes, ocorre dentro de suas casas e se manifesta de maneiras sutis, que vão de agressões verbais e físicas a assédios e coerções. Esses casos são corriqueiros no Brasil e no mundo e não recebem grande atenção por parte da mídia, pois parecem não afetar a sociedade como um todo, parecem circunstanciar-se ao âmbito doméstico.

De fato, essa violência acontece, em grande escala, dentro das casas. De acordo com estudo divulgado em dezembro de 2014 pela OMS, mais de 35% de todos os assassinatos de mulheres no mundo são cometidos por um parceiro íntimo³. Embora o assassinato da

³ Fonte: <http://noticias.terra.com.br/mundo/violencia-contra-mulher/>. Acesso em 25/11/2017

vítima leve, muitas vezes, ao fim de uma vida imersa em estado de violência, apenas esse assassinato é reconhecido pela mídia como uma violência e é noticiado.

No entanto, a mulher está sujeita à violência em todos os lugares. De acordo com a pesquisa “Violência contra a mulher: o jovem está ligado?”, realizada pelo Instituto Avon com o Data Popular, em 2014, 78% das jovens entrevistadas relataram já ter sofrido algum tipo de assédio na rua.

A violência contra a mulher pode se manifestar de várias formas e com diferentes graus de severidade, sendo o homicídio a manifestação mais extrema. Os tipos de violência cometidos contra as mulheres são muitos: violência de gênero, intrafamiliar, doméstica, física, sexual, psicológica, financeira e institucional. E, embora nem todas gerem marcas visíveis, não deixam de ser uma violência. O fato é que muitas mulheres são diariamente submetidas a atos de violência a ponto de não conseguirem mais reconhecê-los. O que elas vivenciam é uma sensação constante de insegurança, medo e dominação, ou seja, um estado de violência.

Segundo a porta-voz da ONU Mulheres no Brasil, Nadine Gasman, “a violência contra as mulheres é uma construção social, resultado da desigualdade de forças nas relações de poder entre homens e mulheres. É criada nas relações sociais e reproduzida na sociedade.”⁴ Casos de violência contra a mulher acontecem todos os dias, em todo o mundo, milhares de vezes e, embora a mídia não lhes dê tanto destaque, dizem respeito à sociedade, visto que se trata de uma construção social.

Rondelli (1998) explica que a nomeação de episódios de violência no país, por parte da imprensa, é que faz a população enxergar sua existência:

A partir do registro e transmissão midiáticos destas imagens de extrema violência é que irrompem, na cena pública, a existência de crianças e adolescentes morando nas ruas, exibidos no episódio da Candelária; (...) a existência dos recônditos presídios superlotados e de condição subumana revelados em Carandiru; (...) a extrema vulnerabilidade a que membros das mais altas elites do país estão expostos nas ruas da cidade por onde circulam muito próximos a traficantes, sequestradores e tantos outros tipos de criminosos (...).

Tais imagens apontam para aquilo que caracteriza, sobretudo, a existência social neste país – a desigualdade brutal, estrutural, tão apática que passa a ser, de certa maneira, naturalizada. Desigualdade que se precipita como atos de violência física, com direito ao uso de armas, e à produção – de dimensão quase bélica – dos corpos de mortos e feridos, e que eclode no cotidiano de imagens da mídia (p.147).

⁴ Fonte: <http://noticias.terra.com.br/mundo/violencia-contra-mulher/>. Acesso em 25/11/2017

No entanto, como vemos no trecho acima, o que a mídia evidencia são os crimes de grande porte, os derramamentos de sangue. Os “pequenos” atos de violência que a mulher sofre todos os dias e que a obrigam a viver em um estado de violência em que, muitas vezes, o medo está ligado a alguém de seu convívio ainda são pouco nomeados e divulgados e, talvez por isso, seja tão difícil para a população “enxergá-los”.

Como afirma Rondelli (1998),

os meios de comunicação agem como construtores de representações sociais e, mais especificamente, de representações sociais sobre o crime, a violência e sobre aqueles envolvidos em suas práticas e em sua coibição. Estas representações sociais se realizam através da produção de significados que não só nomeiam e classificam a prática social, mas, a partir desta nomeação, passam a organizá-la de modo a permitir que se proponham ações concretas em relação a ela (p.149).

Assim, quando a imprensa coloca um ato de violência em destaque, ela ajuda a entendê-lo e organizá-lo, de modo que a sociedade possa organizar e propor ações em relação a ele. Daí a importância de se nomear e noticiar as diferentes violências contra a mulher.

Charaudeau (2013) explica que “os indivíduos participantes da vida social organizam seus comentários sobre o que acontece no espaço público de acordo com aquilo que as mídias lhes apresentam”. (p.139) Antes, as pessoas limitavam suas discussões àquilo que era divulgado pelos grandes veículos de comunicação. Entretanto, atualmente, esses indivíduos passaram a se valer das redes sociais, para destacar e colocar em discussão assuntos que, talvez, a imprensa deixasse em segundo plano.

Tendo em vista que, hoje, as redes sociais existem, por diversas vezes, atos e situações que poderiam passar despercebidos por parte da mídia ganham tanta repercussão nessas redes que a imprensa é obrigada a transformá-los em pauta. Foi o que aconteceu no caso do meme #homensrisque, quando atos de violência contra a mulher foram nomeados, por internautas, para se evidenciar um estado de violência. Esse caso será analisado a partir de agora.

O caso do meme #homensrisque

Os memes nascem de situações concretas e, para compreendê-los, o leitor deve compartilhar o conhecimento a respeito daquela situação com o produtor do texto. Por isso, faz-se necessário compreender em que contexto o meme #homensrisque foi criado.

O meme #homensrisque surgiu depois que a marca Risqué decidiu fazer uma homenagem a gestos cotidianos dos homens e criou uma linha de esmaltes chamada “Homens que Amamos”, com esmaltes como “Fê mandou mensagem”, “André fez o jantar”, “Zeca chamou para sair”, entre outros.



Figura 1: campanha Risque Homens que Amamos

A empresa explicou que se tratava de um “tributo aos pequenos gestos diários dos homens”. Mas a iniciativa aparentemente inocente da marca repercutiu de forma muito negativa na Internet, pois diversas pessoas julgaram que essas deveriam ser atitudes comuns dos homens e que, por isso, não mereciam homenagens. Ao contrário, as atitudes e comportamentos das mulheres mereciam ser exaltadas e isso não aconteceu. A campanha também foi tomada como uma agressão às mulheres, por pressupor um estereótipo de mulher cuja principal preocupação na vida são os homens.

Diante da violência permanente que grande parte das mulheres da sociedade brasileira – e mundial – sofre, a campanha revoltou internautas não apenas pelo estereótipo da mulher e pelos tributos a ações banais dos homens, mas, principalmente, por mascarar os atos e estados de violência que milhares de homens cometem, todos os dias, contra as mulheres.

Análise dos memes #homensrisque

A revolta dos internautas em relação à campanha da Risqué proporcionou o surgimento de diversos memes com a #homensrisque. Dentre eles, decidimos coletar, cinco memes cuja construção de sentidos pudesse levar à interpretação de que as pessoas, ao usar essa hashtag, buscavam evidenciar a violência sofrida pela mulher, no dia-a-dia, e que não é levada a sério pela sociedade em geral.

Para compreender os sentidos desses memes, analisamos as estratégias e conhecimentos mobilizados, de acordo com Koch, e buscamos evidenciar como tais sentidos apreendidos nos levam a detectar os atos e estados de violência cometidos pelos homens contra as mulheres.

Longe de terem apenas a função de fazer rir, os memes #homensrisque trouxeram consigo a crítica à sociedade machista e ao estado de violência em que as mulheres vivem. A crítica é apresentada por Travaglia (1989) como uma das vocações do humor. Segundo o autor:

Um dos objetivos básicos do humor é a crítica social (que pode ser política, de costumes, instituições, serviços, caráter ou tipo humano e governo). Desejando a modificação da sociedade, quase sempre mostra o absurdo e o ridículo de muitos comportamentos do homem, para que este veja a necessidade de romper com a estrutura social vigente. (p. 50)

As pessoas viram-se não apenas impelidas a expor ao riso a atitude da empresa, mas também de expor a realidade da sociedade machista atual. Assim, sob a *hashtag* homensrisque, decidiram nomear os atos de violência sofridos pelas mulheres, no dia-a-dia, para evidenciar o estado de violência a que são submetidas. Como pontua Travaglia (1989), trata-se de mostrar o absurdo desses comportamentos para que se veja a necessidade de modificá-los.

Os memes listados abaixo foram escolhidos como exemplificação para o caso, mas centenas de outros foram produzidos: o assunto foi tão comentado que chegou ao topo da lista do Trending Topics do Twitter, que relaciona os assuntos mais comentados na rede. O processo de construção de sentidos desses memes revela os atos de violência sofridos pelas mulheres e deixa claro o estado de violência em que elas se encontram inseridas.

Patativa Moog @PatativaMoog [Follow](#)
#homensrisque Carlos disse que me batia porque me amava.
2:05 PM - 23 Mar 2015 · João Pessoa, Paraíba, Brasil
1

Júlia @JustLikeBrejo [Follow](#)
Roberto encoxa as meninas no ônibus e dá a desculpa de que é porque tá muito cheio #HomensRisque
1:31 PM - 23 Mar 2015
175 91

@esthergusmao [Follow](#)
Risqué Daniel Me Mandou Tirar o Batom Vermelho
#HomensRisqué
11:14 AM - 23 Mar 2015
62 25

Rafael Teixeira @rafateixeira [Follow](#)
"Marcelo ~vazou~ um vídeo nosso pelo whatsapp"
#homensrisque
11:00 AM - 23 Mar 2015
36 30

Não Me Kahlo @NaoKahlo [Follow](#)
Bruno quer transar com a menina no primeiro encontro. Ela topa. Ele a chama de vadia por ter transado no primeiro encontro #homensrisque
4:31 PM - 23 Mar 2015
363 241

Figura 2: memes com a hashtag #homensrisque, retirados do Twitter

Todos esses memes têm em comum o fato de nomearem atos de violência e/ou estados de violência contra a mulher. O primeiro deles é um ato reconhecidamente violento – bater em uma mulher – seguido de uma explicação tida como bastante comum aos homens,

como uma forma de amenizar a violência. Ao mesmo tempo, quando o homem se vangloria de ter batido, temos um estado de violência, pelo fato de ele estar também exibindo sua força e domínio.

Os quatro memes seguintes já apresentam estados de violência que, muitas vezes, não são reconhecidos, uma vez que, diferentemente de uma agressão física, não causam machucados evidentes. Fato é que todos eles representam uma situação de dominância, um homem que se julga superior à mulher e, portanto, pode agir com ela da maneira que quiser: seja abusando sexualmente em um ônibus, divulgando um vídeo íntimo ou chamando a mulher de vadia. A “simples” atitude de mandar uma mulher tirar um batom por ele ser considerado chamativo já pode ser considerada uma violência, uma vez que pressupõe um abuso, uma dominação por parte do homem que deu a ordem.

No processo de construção de sentidos desses memes, percebemos que são ativados alguns conhecimentos. Primeiramente, o leitor mobiliza estratégias cognitivas, ao ativar seu conhecimento de mundo a respeito da campanha da *Risque* e da *hashtag* *homenstrisque*. A partir da ativação desses conhecimentos de mundo, o leitor poderia inferir que esses textos foram escritos em oposição à campanha. Caso não partilhasse desse conhecimento com o autor dos memes, o leitor seria capaz de compreender que eles nomeiam atos de violência contra mulher, mas não conseguiria entender a finalidade desses textos e, nesse caso, perder-se-iam a ironia, a crítica à sociedade machista e a evidência do estado de violência.

Além disso, os atos e estados de violência que são apresentados nesses memes só fazem sentido na medida em que o leitor os reconhece, isto é, partilha do conhecimento prévio a respeito do que é neles apresentado. No primeiro, é necessário que se ative conhecimento a respeito de uma questão cultural: a violência como ato de afeto, como uma punição aplicada por amor, a fim de ajudar o outro a se tornar uma pessoa melhor. É por essa razão que “bater porque ama” é uma justificativa comum àqueles que praticam a violência.⁵ O segundo meme também espera que o leitor partilhe o conhecimento a respeito de um fato corriqueiro: o

⁵ Oliveira (2010), em sua tese de doutorado, apresenta informações da coluna de Mônica Bergamo de 20 de junho de 2009. Segundo Bergamo, em uma homenagem póstuma ao advogado Waldir Troncoso Pires, que “advogou para pelo menos cem homens que mataram suas mulheres e para 30 mulheres assassinas de seus maridos”, foi simulado um júri com o tema “a paixão pode absolver um criminoso?” e, nela, o advogado Alberto Toron e o promotor Roberto Tardelli afirmaram que a paixão jamais pode ser uma justificativa para um crime passional e que “o que matou em nome do amor antes bateu, estuprou, humilhou”. (p. 229)

constante abuso sexual cometido por homens nos transportes coletivos⁶. O terceiro meme, além de retomar o abuso por parte do homem que manda a mulher tirar o batom vermelho, exige do leitor que ele ative os conhecimentos a respeito do que, historicamente, representa essa cor de batom. Aciona-se, aqui, o estereótipo da prostituta, uma mulher que se veste com roupas curtas, decotadas e usa maquiagem carregada. Com isso, compreende-se, ainda, que o abuso existe não apenas pela ordem, mas, também, por pressupor que uma cor de batom estabeleça se a mulher tem mais ou menos valor. No quarto meme, espera-se que o leitor seja capaz de ativar o conhecimento prévio a respeito de uma violência que se tornou bastante comum com as novas tecnologias: divulgar um vídeo íntimo da mulher, na maioria das vezes, por vingança pelo término do relacionamento⁷. Por fim, o produtor do último meme espera que o leitor partilhe, com ele, de um pensamento consolidado: o homem pode fazer sexo com quantas mulheres quiser, no momento em que quiser, e quanto mais sexo ele fizer, com mais mulheres diferentes, melhor será sua imagem. Já a mulher deve se resguardar, caso contrário, irá parecer promíscua. É esse senso comum que faz com que violências como a apresentada nesse meme sejam cometidas.

No que diz respeito à mobilização de estratégias textuais, chama a atenção a ativação do conhecimento linguístico na forma como o texto é organizado com o nome do homem, seguido de sua ação. Isso é feito como forma de remissão à ideia original da Risque, que nomeou os esmaltes com atitudes que julgavam dignas de homenagem, como “André fez o jantar”. A partir do momento em que diversas pessoas na Internet decidiram reproduzir essa forma de organização textual, com o nome do homem e uma ação dele (no caso, o ato ou estado de violência cometido), criou-se um meme pela imitação de uma estrutura.

Ainda no que diz respeito às estratégias textuais, notamos a utilização de artigos definidos em alguns memes, como em “Roberto encoxa **as** meninas **no** ônibus” e “Bruno quer transar com **a** menina no primeiro encontro”. A opção por se usar o artigo definido, no plural,

⁶ O abuso sexual tem tomado proporções tão grandes que o Metrô de São Paulo lançou uma Campanha contra o abuso sexual, como se pode ver no site da empresa: <http://www.metro.sp.gov.br/metro/marketing-corporativo/campanhas/campanha-contra-abuso-sexual.aspx> (acesso em 02 de fevereiro de 2016). A campanha conta com cartazes nos vagões e estações, com a frase “Você não está sozinha” e a divulgação de um número de celular para receber denúncias.

⁷ O ato de se vingar expondo vídeos íntimos da parceira, também chamado de “revenge porn”, tem se espalhado pelo mundo todo com a evolução das mídias sociais. No Brasil, há dois projetos de lei que buscam aumentar a punição para quem comete tal ato. Fonte: <http://marybruno.jusbrasil.com.br/artigos/181005577/as-midias-digitais-pornografia-de-vinganca-revenge-porn> (acesso em 02 de fevereiro de 2016).

na primeira construção, evidencia ainda mais que esses são atos de violência cometidos corriqueiramente pelos homens, isto é, “Roberto” não encoxa uma menina em um determinado ônibus, num determinado trajeto. Ele encoxa várias, sempre, em qualquer ônibus, como se fosse um direito seu. O do artigo definido no plural traz essa ideia de um ato que se repete constantemente. Já no segundo meme, o uso do artigo definido, no singular, antes do substantivo menina ajuda a individualizar o ser que sofre o ato de violência: a menina com quem Bruno quer transar não é “uma qualquer”, é “a” menina, uma pessoa que depois, ao ser chamada de vadia, sofrerá uma violência. O uso do artigo definido, nesse caso, ajuda a individualizar a situação, fazer com que o leitor se compadeça pelo sofrimento que será infringido à menina através desse ato de violência.

Quanto à mobilização das estratégias sociointeracionais, o leitor ativa o conhecimento ilocucional quando aceita o tom irônico desses memes e os vê como uma crítica à sociedade machista e uma tentativa de se evidenciar o estado de violência em que as mulheres estão inseridas a partir da nomeação de atos de violência. O conhecimento comunicacional é ativado quando o produtor do texto opta pela concisão, outra característica do meme, e escolhe postar seu texto no *Twitter*, um ambiente propício à propagação de informações e passível do uso de *hashtags*. Foram as *hashtags* que deram visibilidade a esse meme. Quando os internatutas decidiram se manifestar usando #homensrisque, o assunto ganhou visibilidade e apareceu nos *Trending Topics*, os assuntos mais comentados do *Twitter*.

Ainda no que diz respeito às estratégias sociointeracionais, o conhecimento metacomunicativo é ativado quando o produtor do quarto meme apresentado escolhe utilizar a expressão ~vazou~, valendo-se do til como se fosse aspas, para destacar o verbo. Como foi explicado anteriormente, tal conhecimento permite ao produtor do texto evitar perturbações previsíveis na comunicação por meio da introdução, no texto, de sinais de reformulação ou apoios textuais. Logo, as aspas são utilizadas para indicar que o autor do *tweet* ra expressão vazar não é a correta nesse contexto, uma vez que indica algo que não é intencional, quando se sabe que “vazar um video na internet”, ou seja, divulgá-lo na rede, é uma escolha da pessoa.

O conhecimento superestrutural é ativado, primeiramente, quando o produtor de cada um dos memes apresentados acima opta por escrever repetindo a mesma estrutura, a mesma organização textual, repetição essa que é muito comum no meme. Também é ativado

quando o leitor reconhece esses textos como memes e busca neles o humor, no caso, humor que foi empregado a serviço da crítica.

Conclusão

Segundo a justiça, a violência corresponde tanto as agressões propriamente ditas, que compreendem apenas as lesões causadas por um contato brutal com um agente exterior, quanto as doenças provocadas, os danos psicológicos, que não exigem força física exercida sobre o próprio corpo da vítima.

Assim, a violência sofrida pela mulher pode corresponder tanto às agressões sofridas por atos de violência, quanto aos danos psicológicos e doenças causados pelos estados de violência. Michaud (1989) explica que os estados de violência supõem situações de dominação e parece-nos que o caso dos memes #homensrisque apresenta a dominação a que as mulheres são submetidas. Mas o fato é que é uma violência tão disseminada, que a imprensa já não mais a notícia. E, com isso, essas “pequenas” violências vão ficando esquecidas e não se nota ou se fala mais delas.

Quando a campanha de esmaltes da marca Risque foi criada, não se imaginava a repercussão que ela teria. No entanto, os internautas – compostos, em sua maioria, por jovens, sedentos por mudanças - enxergaram o tom ofensivo da propaganda e decidiram valer-se da Internet para se manifestar. O humor dos memes, dessa vez, foi usado como forma de crítica social.

A criação do meme #homensrisque, com o nome do homem somado ao ato ou estado de violência corriqueiramente cometido, expôs a violência a que todas as mulheres são submetidas, uma vez que fez com que as pessoas reconhecessem que essas são atitudes comuns, a que todas as mulheres estão sujeitas, em qualquer momento de suas vidas, e que faz com que elas sejam dominadas e vivam em permanente atenção, com medo do mal que podem sofrer.

As estratégias empregadas no processo de construção de sentidos desses memes mostram como eles foram criados com o intuito de crítica, não apenas à empresa de esmaltes, mas à sociedade machista, incapaz de enxergar tais atos como responsáveis pelo estado de violência em que as mulheres vivem.

Referências Bibliográficas

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2013.

KOCH, I. G. V. *O texto e a construção de sentidos*. São Paulo: Contexto, 2010.

MICHAUD, Yves. *A violência*. São Paulo: Ática, 1989.

MILTNER, Kate M. *There's no place for lulz on LOLCats: The role of genre, gender, and group identity in the interpretation and enjoyment of an Internet meme*. First Monday, [S.l.], agosto de 2014. ISSN 13960466. Disponível em:

<http://journals.uic.edu/ojs/index.php/fm/article/view/5391/4103>. Acesso em: 24/11/2017.

Ministério da Saúde. *Violência Intrafamiliar: orientações para a Prática em Serviço*. Brasília DF: Ministério da Saúde; 2002.

OLIVEIRA, Édson Correia. *O discurso da notícia e a representação da identidade de gênero feminino nos crimes passionais*. 2010. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

SHIFMAN, Limor. Memes in a digital world: Reconciling with a conceptual troublemaker. *Journal of Computer-Mediated Communication*, Volume 18, número 3, pp. 362-377, 2013.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1108/10662240910927795>.

Acesso em 25/11/2017.

SOUZA, Maria Laurinda Ribeiro de. *Violência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O que é engraçado? Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. *Estudos Linguísticos e Literários*. Maceió, v. 5 e 6, p. 42-79, 1989.

WHO (World Health Organization). *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization; 2002.

**MEANING MAKING E VIOLENCE EVIDENCE REGARDING THE
#HOMENSRISQUE MEME'S**

ABSTRACT

We understand that the meaning isn't on the text, but is built based on it, so, we put this paper on the sociocognitive - interactional perspective and seek to show how the process of #homensrisque memes' meaning making helps to understand the scale of the acts and states of violence appointed on them and calls into question the violence suffered by women in our society. For this, we use the strategies deployed for the meaning making in a text presented by Koch (2010). Plus, in order to enable the analysis, we present the definition of violence and differentiation of states and acts of violence found in Michaud (1989) Rondelli (1998) and Souza (2005). The meme concept, also essential for the paper, is based on Shifman (2013) and Miltner (2014).

Key words: violence; text; meaning making strategies; meme; social network

Envio: maio/2017

Aceito para publicação: novembro/2017

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267